

facilitada por uma anarquia total que reinava nas estruturas eclesiásticas locais. Sobre essa anarquia, tal como sobre outros problemas que agravavam as relações entre os indígenas indianos e os missionários europeus (incluindo, entende-se, na Índia, carmelitas descalços já naturalizados) Vesdin fala nas suas «Reflexões» que fazem parte do «Diário Português»<sup>54</sup>.

Logo no início das «Reflexões» mencionadas encaramos uma atitude muito interessante, omissa da obra que parcialmente se baseia no diário propriamente dito – *Viaggio alle Indie Orientali*:<sup>55</sup>

*Entregar a religião as cabeças Indianas be entregar hum Cego ao outro Cego de conduzilo, pois o Character de inconstança as ideas de sua terra e nação e o coração não mudão com hum pouco de Theologia que os Alumnos aprendem. a multidão dos Pastores e o espirito de inconstança no povo, ja be a Causa que agora nao obedecem a nibum Pastor em especie, mas dizem que basta que o Pastor seja Catholico qualquer que elle for. Ja recolbelo a admministralbes os sacramentos...*<sup>56</sup>

Por isso não admira – continua Vesdin o seu diário – os próprios vigários apostólicos não terem autoridade alguma nos olhos dos «vagabundos» que, sem qualquer medo e razão, «gritam que se farao shismaticos».

<sup>54</sup> Cf. *ibidem*, pp. 15 e 16.

<sup>55</sup> Eis mais uma prova de que o Diário não era destinado à publicação.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 15.

## Reflexões sobre o mui nobre acto de Aprender ou Manifesto contra Escolas e Universidades materialistas

Paulo Reis Mourão\*

### Sobre o acto de Estudar

Todo o estudo prepara-nos, não para uma actividade (ideia feita) mas para a Atenção e para a Concentração. Vivemos distraidamente, correndo para muitas coisas, algumas até irrelevantes, porque, quando fomos estudantes, fizemos do Estudo um saque de notas e não de motivo do nosso crescimento.

Simone Weil identifica o estudo com um Sacramento religioso – cada exercício escolar deve fazer-nos crescer e crescer só em tamanho, em matéria *empinada*, é um mal materialista. E isso não é bom.

O estudo deveria valer por si. O Estudante deveria abraçar realmente o Estudo, como um verdadeiro apaixonado – não deveria ser luxurioso, evitando encarar o Estudo como fonte de brilho ufano; não deveria ser possessivo (*marrão*), vendo o Estudo sem transcendência, como algo fechado num quarto; não deveria ser *donjuanista*, desiludindo-se automaticamente perante algum desencanto (uma nota abaixo do esperado).

As Escolas são a Sociedade do Amanhã. Se o Estudo valer só pelas notas, então amanhã o Trabalho só valerá pelo Rendimento. Se idolatramos, não o verdadeiro Estudante, mas antes o mais ilustre academicamente,

\* Departamento de Economia da Universidade do Minho.

então, amanhã, idolatraremos o mais rico e esqueceremos o empenhado trabalhador que ganha menos ao fim do mês.

Existirá ainda o mal de destruirmos a nossa democracia através de uma meritocracia absolutista (que mais não será que uma disfarçada oligarquia, onde os pretensos mais sábios, título volátil como se sabe, nos governarão acriticamente).

A verdadeira Escola acolhe todos porque todos, amanhã, serão chamados a decidir numa sociedade realmente democrata. Se a Escola de hoje só acarinhara alguns, amanhã, teremos, sem dúvida, uma Sociedade que marginalizará muitos.

Esperemos, assim, que com a Páscoa muitos estudantes ressuscitem para a verdadeira vida, para o verdadeiro estudo, para a verdadeira aprendizagem.

### Sobre as Notas

As nossas notas dizem mais aos outros do que nos dizem a nós.

Ninguém é melhor do que o outro. Só Deus, em verdade, é melhor que todos.

Mas compreendo-te: será que o aluno que tem um 15 é mais estudante do que o que recebeu um 10? Isso soa-me a falso por várias razões:

- em primeiro lugar, os esforços não são comparáveis tão simplesmente porque os sujeitos, nas suas dimensões mais complexas, detêm características diferentes;
- em segundo lugar, o 10 de um pode estimulá-lo mais no futuro do que o 15 do outro e assim o primeiro desenvolver mais as capacidades, crescendo mais, do que o segundo;
- em terceiro lugar, o 10 pode ter sido conseguido com mais dor, com mais sofrimento, com mais cruz, portanto com mais grandeza, do que o 15 do segundo aluno - logo, pergunto-te: quem, afinal, mais trabalhou, quem, afinal, percorreu o maior caminho?
- por último, pergunto-te: se todos os alunos jejuassem desta corrida a notas deslumbrantes aos olhos alheios, não ficaria o essencial? Não ficaria o Amor à Sabedoria?

### Sobre a Solidão do Estudante

A solidão do estudante é aquele estado no qual, percebendo, em Verdade, que o Mundo não se esgota no Estudo, anseia por partilhar a sua Presença com os mais amigos, com o próximo.

A solidão do Estudante é um Estado custoso, por ventura semelhante ao da mãe que anseia por dar à luz. Marca de Esperança - Esperança na alegria do Encontro, na aplicação do conhecimento, no Serviço, na libertação dessa energia potencial, tanto tempo em acumulação.

A solidão é uma oportunidade de Reflexão. Por exemplo, valerá a pena estudar se o (nosso) conhecimento é contingente, imperfeito, em evolução? Sim, vale porque ficas desperto para a Vida. A água que bebemos não é um bem durável mas, bebida, é fonte de Vida. Também o conhecimento é assim - e o Estudo mais não é do que a procura dessa Água.

### Sobre o Medo maior do Estudante

O Fracasso é um dom. E recear um Dom não parece racional. Mas receamos o fracasso como receamos a cruz.

Numa sociedade de beleza artificial, de Prazer artificial, de aparência, de fachada, importa enaltecer os gloriosos e esconder os leprosos, louvar os brilhantes e esquecer os perdedores. E, porque somos assim, receamos o Fracasso.

O fracasso mostra-nos vulneráveis, sem defesas. Deixamos de ser Herodes protegidos por densas muralhas e assumimos, de novo, a identidade de pastores desprotegidos, errantes, vimes que pensam. Afinal, não sabíamos tanto como julgávamos - e eis o estudante fracassado a formar-se como verdadeiro Cientista - porque a Ciência nasce do reconhecimento da nossa imperfeição e da pobreza do nosso conhecimento sobre todos e sobre tudo o que nos cerca.

A Ciência nasce da fome e não do arroto.

Como li algures, uma Escola que não preparasse os Estudantes para o fracasso seria uma Escola mentirosa. E pergunto-te, quantas Escolas verdadeiras conheces hoje?

### Sobre as Férias e o Repouso do Estudante

Até mesmo no descanso, o verdadeiro estudante trabalha. Além de outros esforços, eventualmente remunerados, o Descanso deve ser uma oportunidade de projectar a atenção desenvolvida no Estudo sobre todos e sobre tudo o que nos rodeia – os outros, a Natureza, a Família, os Amigos, Deus.

O verdadeiro estudante também descansa e também goza. Jesus não censurou Maria por esta ter ficado a escutá-Lo e não ter ajudado Marta nas lides domésticas.

### Sobre os Professores e os Mestres

Os Professores são as primeiras vítimas do materialismo/consumismo no ensino. São bons se dão boas notas; são maus se dão más notas – quando o desempenho, o esforço, a vocação de Professor nada tem a haver com os resultados! O bom Professor é aquele que provoca crescimento nos alunos de uma forma integral. Faz-lhes ver a novidade, provoca a atenção, prepara-os para viver. Secundando vários autores, o pior que podemos fazer pela Vida é vivê-la distraidamente, é não a viver. E, tantas vezes, foi melhor (mais verdadeiro) Professor, mais Humano, aquele exigente, que nos aprovou tangencialmente, do que o superficialista que nos aprovou com uma nota brilhante! Um, faz-nos sentir mais humildes; o outro, provocou-nos a mentira da vaidade. Um, mostrou-nos o quão frágil somos; o outro, dispersou-nos em castelos ilusórios.

### Sobre os Testes

Um teste faz-nos sentir frágeis. Leva-nos a reconhecer que algo pode ser melhorado. Um teste (mas sobretudo a preparação associada) santifica-nos na medida em que nos faz humildes. Não devemos reear os testes – eles espelham a nossa pequenez. E, no entanto, esquecemo-nos que mais importante que o teste de amanhã é o teste permanente que a nossa consciência nos faz... mas tantas vezes nos esquecemos deste teste!

Respondeste a um teste? Descansa. Mesmo que sintas que poderias fazer melhor, descansa. O teu esforço e o teu estudo – em suma, o teu

aperfeiçoamento – bastam. Não esperes pela nota para te sentires feliz – isso fazem os materialistas, que esperam pela matéria para serem felizes. Numa fábula antiga, conta-se que ao contrário do que todos pensam, o Paraíso não é o lugar da realização dos nossos desejos mas antes o espaço onde não temos desejos. Nessa fábula, deseja o condenado no Inferno o arrependimento ou o do Purgatório que tudo passe. O do Paraíso está feliz na simplicidade que encontra. *Deixa-nos ficar aqui, Senhor* – diz-Lhe Pedro no Tabor. Não havia tendas e quis Pedro fazer uma. Portanto, o Paraíso não é um espaço de tendas terrenas mas uma morada onde todos se sentem em casa.

### Novamente, o Medo do Fracasso

Não será o Medo do Fracasso o preço pelos sacrifícios realizados? Pusemos de lado, tantas vezes, a Simpatia, a Arte, o Passeio, a Amizade... e afinal, para quê? Para uma nota que nos desilude.

Mais uma vez, as notas – que só nos falseiam. O Estudo vale por si – caminho árduo que cada um empreende com as próprias forças. Se estudaste, descansa, mereces. Não te apoquentes com as notas. Esquece-as. Descansa, mereces, mas descansa na certeza da tua imperfeição, nessa imprescindível humildade. Se tens a felicidade de preencher as horas do teu dia, aprendendo e estudando, lembra-te sempre que o Estudo é auto-recompensador. As notas, lembra-te também sempre disto, são dadas por outros para outros as verem. Por estranho que te pareça, elas nada te devem dizer.

Como em Economia se sabe, o Valor é de cada um, o Preço é de todos. O Estudo é de cada um, as notas são públicas.

Em última análise, o Medo do Fracasso é o medo de um certo Inferno. Explicando melhor, o medo do Inferno é o medo da Solidão Eterna, o medo de eternamente não sermos amados. E quem vê no Sucesso, erradamente, o garante das relações pessoais, angustia-se com o Fracasso porque recebe a repressão paterna, o desprezo dos irmãos, a chacota alheia. Tudo isto são falsos medos. Se amar verdadeiramente o meu irmão, amo-o pregado numa cruz ou no esplendor da Glória.

Não me parece, também, bom que sejamos derrotados pelo Fracasso. Por exemplo, uma nota má não condiciona ninguém a repeti-la no futuro. Aprendeste, estudaste – basta! Isso basta! No futuro, depois da nota, conti-

nua, afincadamente, a procurar o aperfeiçoamento e a colocares-te ao serviço do outro. O importante não é a paragem, mas o caminho.

### Síntese

Lembro-me agora de Paulo (*Coríntios* 13, 4-7), referindo-se ao Amor: «O Amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita; não suspeita mal; não folga com a injustiça, mas folga com a Verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta».

Não deveria também o Estudo ser Amor?

## Os «Jesuítas» do Marquês

Francisco Pires Lopes SJ

Eles são sempre os mesmos, escreve o antijesuíta Lino d'Assunção em 1901. Só que em arena de antagonismos as cores extremam-se: vermelhos a um lado, verdes a outro. Pior, segundo a lição da campina: se és verde, comem-te as vacas; se és vermelho, marram-te os touros. E na fixação partidária facciosa reside todo o problema do antijesuitismo.

*O mito dos Jesuítas\**, livro recente de José Eduardo Franco que aqui apresentamos e brevemente resumimos, é uma obra que fazia falta na historiografia de Portugal e da Companhia de Jesus, para colmatar o vazio existente na ciência digna de crédito relativa ao período pombalino – e isto apesar da superabundância de literatura partidário-publicista que inundou o país e a Europa no que ao pombalismo se refere. E obra tanto mais notável – diz o prefaciador – quanto a partir do caso português abre para verdadeira história europeia. O autor reconhece contactos com estudiosos e obras pioneiras sobre a perseguição à Companhia de Jesus, especialmente em França e Espanha, que

\* José Eduardo Franco, *O mito dos Jesuítas. Em Portugal, no Brasil e no Oriente (séculos XVI a XX)*, Volume I – Das origens ao Marquês de Fomabal, Lisboa, Graciosa, 2006, 628 pp.

estiveram na origem da escolha do presente tema para a minha dissertação de doutoramento. Destaco em especial o estudo excelente e pioneiro de Michel Leroy, sobre *Le mythe jésuite: de Béranger à Michelet*, que teve a oportunidade de aprofundar coordenando a sua tradução para a língua portuguesa,

a saber *O mito Jesuíta: de Béranger a Michelet* (Lisboa, Roma Editora, 1999). Originária, pois,

a convicção de que um estudo desta índole poderia representar um primeiro contributo para superar uma lacuna importante na historiografia portuguesa consistiu a razão fundamental que motivou a escolha deste objecto de tese (30).

Nesta frequente referência bipolar, em ambos os pólos (mas especialmente no português) irá provocar úteis reflexões ou mesmo profundas mudanças historiográficas, para cá da «instrumentalização da actividade e da história da Companhia de Jesus», já que o seu grande mérito é incitar «à interrogação sobre a construção e o desenvolvimento de outros mitos, nacionais ou não, por exemplo em torno do Sebastianismo, da Inquisição e da Franco-Maçonaria». Mesmo passado o circunstancialismo da crise aguda, fica ainda o peso da sedimentação cultural e mental, até aos «seus mais inesperados herdeiros: as elites liberais, maçónicas, republicanas, marxistas, positivistas e livre pensadoras dos séculos XIX e XX» – viveiros onde o mito jesuíta de matriz pombalina remanesceu, enriquecendo-se através da acção e da pena de figuras políticas e literárias que elegeram os Jesuítas como o seu inimigo de recurso preferencial para os seus combates ideológicos (23).

Debruçando-se sobre a origem do mito, recorda o chamamento dos Jesuítas por D. João III em 1540 para trabalharem (educação e missões) em Portugal e nos Descobrimentos. O que explica as relações estreitas cedo estabelecidas com a sociedade portuguesa, mas também relações várias vezes contestadas (expulsões em 1759, 1834 e 1910) e restauradas algum tempo depois. Nesta perspectiva de evolução centra o autor a sua tese de doutoramento por Paris, abrindo todo o leque de tempos e respectiva 'recepção', relativamente à presença destes religiosos tantas vezes chamados e expulsos. Em contexto de envolvimento é também uma história da Europa e da Igreja como um todo que paralelamente se acompanha com a leitura desta investigação.